

**TK058 - REMINISCÊNCIAS E REPRESENTAÇÕES: OS PROFESSORES QUE
ENSINAVAM MATEMÁTICA SOB O OLHAR DAS EX-ALUNAS DO
GINÁSIO MAIRI (1967 – 1975)****Joubert Lima Ferreira**Universidade Federal da Bahia - UFBA/ Universidade Estadual de Feira de Santa - UEFS
jouferr@yahoo.com.br**RESUMO**

Neste trabalho buscamos analisar como as ex-alunas do Ginásio Mairi (1967 – 1975), em Mairi – BA, representam seus ex-professores de matemática, usando a memória sobre as suas aulas. O recorte temporal está relacionado ao ano de fundação desse ginásio e ao ano de formação da primeira turma do curso de Magistério. Para a escrita deste texto optamos por usar, entre as fontes, apenas as entrevistas, caracterizando-o com uma produção em história oral. Portanto, no processo de caracterização/representação, as ex-alunas mostram que a professora Zilda Pedreira possui um rigor, exigência e conhecimento que não, apenas, é peculiar, como também foi construído pelas suas experiências enquanto aluna e vivência/formação na escola normal. As representações acerca do professor Luiz Augusto, como: homem de conhecimento, explicador e calmo, o caracterizou como facilitador do processo de ensino. Entretanto, as vivências cotidianas em sala de aula fizeram com que ele produzisse seu método e técnica de ensinamentos, tornando-se assim professor de matemática.

Palavras-chave: Matemática; Professores; Ginásio Mairi. Prática pedagógica; Representação;**ABSTRACT**

The aim of this research is to analyze how Gymnasium Mairi (1967 – 1975), in Mairi – BA, former students represent their former teachers using their memories of their classes. The time frame is related to the inauguration year of the school and to the first graduated class in the major of mastership. As the methods for this work, only interviews were used, what characterizes it as a work in oral history. In the characterization process, the former students showed that the teacher Zilda Pereira was rigorous, demanding and had a knowledge based also in her usual school student life. The teacher Luiz Augusto had a knowledge in mathematics that made possible for him to build its teaching methods and techniques, making teaching process easier. Meanwhile, the daily experiences in the classroom made him produce his method and technique of teaching, thus becoming a math teacher.

Keywords: Mathematics; Teachers; Gymnasium Mairi; Pedagogic practice; Representation.**Introdução**

As pessoas em suas várias trajetórias ao longo da vida cruzam, cortam e divergem em vários caminhos e nesses caminhos relações com outras pessoas são estabelecidas. Assim, marcam a memória daqueles ou daquelas com quem constituíram relações, além da sua própria memória.

Assim, este trabalho tem o objetivo de analisar como as ex-alunas do Ginásio Mairi (1967 – 1975) representam seus ex-professores de matemática através da memória sobre as suas aulas. O recorte temporal está relacionado ao ano de fundação desse ginásio e ao ano de formação da primeira turma do curso de Magistério.

O Ginásio Mairi fica localizado no município de Mairi, Bahia, localizado a 284 km de Salvador, capital do estado. Fundado em 27 de agosto de 1966, mas só funcionou em março de 1967. Em 1972 ele passa a chamar-se Centro Educacional Mairi e 1981 foi denominado Centro Educacional Cenecista Luiz Rogério de Souza, nome que permaneceu até dezembro de 2010, quando foi extinto. Assim, optamos por usar o primeiro nome devido a tratar-se do nome de fundação desta instituição.

Nesse contexto, o Ginásio Mairi passou boa parte de sua existência com apenas dois professores de matemática: a professora Zilda Pedreira e o professor Luiz Augusto, agora protagonistas deste estudo. Para a escrita deste texto optamos por usar, entre as fontes, apenas as entrevistas, caracterizando-o com uma produção em história oral, cuja finalidade é analisar como as ex-alunas Maria Pérpetua D. da Costa, Elieuzza Oliveira Cunha, Odília Ferreira de Santana, Edileuzza Oliveira Farias, Maria Célia P. Rios e Rita de Cássia M. da Silva representam seus ex-professores. Assim, o texto que ora segue, está dividido em duas partes, a primeira traz um pequena biografia sobre a os professores Luiz Augusto e Zilda Pedreira e como estes tornam-se professores que ensinaram matemática. A segunda traz as memórias das ex-alunas e maneiras como estas representaram os seus professores, caracterizando-os em relação as suas práticas pedagógicas.

Professor e professora, vidas e matemática...

Aqui apresentarei dois professores que praticamente passaram a sua vida profissional ministrando aulas no Ginásio Mairi e fazem parte desta pesquisa. A seguir apresentarei uma biografia de cada um deles.

O professor Luiz Augusto de Oliveira ou professor Luiz, como é conhecido. Nasceu e criou-se na zona rural do município de Monte Alegre – Bahia, hoje Mairi. Filho de fazendeiro, foi o único entre os irmãos a dedicar-se aos estudos. A sua primeira escola ou “escola de primeiras letras” como costuma mencionar aconteceu ainda na “roça”, mais tarde que passou a estudar na cidade. Em 1950, ele começa a sua vida escolar na sede do município, estudando no Grupo de Escolas Reunidas Getúlio Vargas, única escola pública do município até 1963 que oferecia o curso primário.

Em suas reminiscências, costuma lembrar

[...] como aluno, tive professoras boas naquele período. Tinha a professora Claudionora, muito exigente. Professora Maria José que era também uma das diretoras. Professora Judith, era esposa de Giriard, José Giriard. As aulas de

matemática, na escola primária, era muito rígida, dava sabatina, sempre tinha. Era assim ao redor, quem não aceitava ganhava bolinhos na mão, aquelas coisinhas assim, de ficar de joelho em cima de caroços de milho, sempre tinha essas *passagenzinhas* (sic.) [...]. (OLIVEIRA, 2010)

Então, em suas memórias aparecem reflexões sobre os primeiros contatos com a matemática e as práticas pedagógicas que eram realizadas com esta em sala de aula. Terminado o curso primário em 1953, Luiz Augusto, ainda menino, branquinho e de olhos azuis, presta exames de admissão e vai estudar, como interno, no Colégio 2 de Julho, em Salvador, Bahia. Lá, realiza estudos do curso Ginásial e no ano de 1957, quando cursa a 4ª série do ginásio foi selecionado para servir ao Exército, ficando neste durante dois anos. Em 1959, retorna ao Colégio 2 de Julho para terminar os seus estudos. Porém, quando cursava a 3ª série do Colegial mudou-se para Cruz das Almas, Bahia, onde terminou os estudos. Ainda em Cruz das Almas, prestou vestibular e ingressou no curso de Engenharia Agrônômica da Escola de Agronomia do Médio São Francisco em Juazeiro, Bahia, hoje, atual campus III da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Terminado o curso de Agronomia, entrou no serviço público trabalhando na Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA). Diante de uma reestrutura interna da empresa, ele passa a servir a Secretaria de Educação do estado e começa a lecionar no Centro Educacional Mairi no ano de 1971, ficando lá por 26 anos, período que durou o convênio do estado com a entidade mantenedora do colégio.

Em suas memórias podemos conhecer um pouco da prática enquanto professor

[...] eu iniciei em 71 como professor, eu acredito que... Meu método fui eu que fiz. Eu não estudei uma certa didática, a minha didática fui eu mesmo quem fiz. Lecionando, conhecendo o aluno e batendo papo com o aluno e aluno entendendo minhas aulas. Sempre fui assim, muito aberto. Eu nunca fui de pegar, ler exercício em sala. O que eu aprendia eu jogava na sala, sempre fui assim. Vamos dizer: eu dava equação do 2º grau “pápápápá” (sic.), com aqueles tópicos, aquelas anotações e o pessoal entendiam. Eu acho que, modéstia parte, eu fui um professor de grandes recordações na CNEC. Porque na CNEC quase todos os professores passaram pelas minhas mãos. Isso aí eu lhe digo porque meu método fui em mesmo quem fiz e o aluno sempre entendia. (OLIVEIRA, 2010)

Nesse breve relato, fica expresso um pouco da vida do professor Luiz. E alguns questionamento poderiam ser feitos, tais como: Que método é/foi este? Como a prática pedagógica em sala de aula produziu este professor? Como eram as suas aulas? Quais imagens foram formadas sobre o professor Luiz no que tange a sua prática pedagógica?

Zilda Araujo Pedreira, nascida em 28 de maio de 1930, no município de Macajuba – Ba, . Filha de fazendeiro, vivia entre a cidade e fazenda, correndo e pulando

com alguns dos seus 16 irmãos. Frequentou a escola primária ainda no município de Macajuba. Nos anos de 1940, mudou-se para a cidade de Feira de Santana, onde ingressou na Escola Normal, formando-se entre o final dos anos 1940 e início de 1950, não sabemos ao certo, pois não conseguimos encontrar documentos que atestem precisamente o ano de sua formatura. Após formar, voltou aos sertões para cumprir um dos principais intenções da Escola Normal de Feira de Santana que era, também, a “formação de professoras sertanejas” (SOUZA, 2001, p. 134), cujo papel era adentrar os sertões ensinando a ler e escrever, combatendo assim o analfabetismo. E esse foi o caminho seguido por Zilda, quando chegou em Mairi, lecionou no Grupo de Escolas Reunidas Getúlio Vargas, escola primária. Em 1956, por iniciativa do médico Dr. José Vieira da Silva, é fundada a primeira escola secundária do município, que ofereceria o curso ginasial, sendo esta uma instituição privada. Então, a professora Zilda foi convidada a lecionar a disciplina de Matemática, a qual tinha muita afinidade e sempre gostou, desde a época da escola normal.

Assim, com a experiência que acumulada aos longos anos de profissão, ensinando matemática, ficou conhecida como professora de matemática e foi suficiente para ser convidada a ensinar no Ginásio Mairi em 1967. Por conta das transformações políticas, econômicas e culturais que o país vivia nesse período, exigia-se que os professores para lecionar no ensino secundário tivesse formação específica, ou seja, deveriam ser habilitados. Como o país não dispunha de Faculdades e/ou Universidades que pudesse atender a demanda nacional, criou-se a então Campanha de Difusão do Ensino Secundário (CADES), a qual habilitava em curto prazo os professores que não tinham curso de nível superior. Nesse sentido, em 1969, na capital do estado, a professora Zilda dá início aos estudos de aperfeiçoamento na disciplina de matemática e garante a autorização para ministrar aulas no ensino secundário, exercendo as suas atividades docentes até o ano de 1992, quando se aposentou.

Nesse contexto de formação é que os professores Luiz e Zilda se formam e constituíram-se professores de matemática, compartilhando os conteúdos que eram propostos para as séries as quais lecionavam.

Alunas, memórias e representações...

As memórias são essenciais no processo de representação e/ou produção de significados que atribuímos a um dado objeto. Assim, Le Goff (1992) discute o conceito

de memória e as possibilidades de uso que podemos fazer sobre o mesmo, sendo “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (p. 423).

Nesse sentido, podemos usar das memórias dos ex-alunos dos professores Luiz Augusto e Zilda Pedreira para produzir as representações dos papéis realizados em suas práticas cotidianas/culturais em salas de aula. Para tanto, tomamos como base o conceito de cultura escolar e as demarcações que este traz acerca das formas de representação. Encontramos em Viñao Frago (1998), a cultura escolar como constituída a partir de determinantes externos, ao mesmo tempo em que apresenta relativa autonomia, expandindo suas marcas para além da escola. Para o autor, a cultura escolar constitui um conjunto de ideias, pautas e práticas que conformam o pensamento e as ações dos atores envolvidos no fazer escolar, dando sentido e transmissão ao mesmo. Ele sugere que para compreendermos a constituição da cultura da escola é importante considerar as relações entre as propostas de reforma, as quais visam informar as práticas na instituição, além da relação com a legislação e a história de vida e profissional dos docentes.

De certo modo, ainda em Viñao Frago (1998), a cultura escolar pode ser compreendida como um conjunto de ideias, princípios, normas, teorias, rituais, hábitos e práticas constituídos ao longo do tempo e que formam tradições. Assim, traremos um pouco sobre as práticas que marcaram as vidas de algumas ex-alunas do Ginásio Mairi, no período compreendido por esta pesquisa. Assim, quais seriam as práticas que foram guardadas nas memórias das ex-alunas? Como tais práticas influenciam na forma como os alunos olham esses professores no passado?

O relato de Odília Ferreira, expresso em tom de alegria ao lembrar das aulas na disciplina de matemática demonstra o quão importante era o conhecimento que estava sendo ensinado.

Começou com Zilda, e terminou com professor Luiz. Zilda: ela como professora era fantástica! Ela sabia mesmo matemática, tinha uma cobrança dela muito grande com a gente, tinha que aprender aquilo que ela tava(*sic.*) ensinando, por que você teria que dar uma resposta na prova que ela ia fazer. E você tinha que colocar aquele resultado que ela queria. Então sempre existia entre colegas aquela preocupação, quem sabe mais ajudar quem sabe menos e tirar as dúvidas, um tirar dúvidas do outro. Ela tinha uma brincadeira que ela dizia assim pra gente: “Moleque, moleque! Aprende. Moleque, moleque! Aprende, que no fim do ano eu vou cobrar”. Aquela história daquela cobrança de final de ano quem não passar vai ter que fazer recuperação. Na minha época era assim, a recuperação era no mês de fevereiro. Passava dezembro, janeiro estudando pra dar o resultado em

fevereiro. Era 2ª época, como chamavam, provas de segunda época. O curso de ginásio todinho foi assim. (SANTANA, 2012)

Odília Ferreira constrói uma imagem sobre a professora Zilda que a caracteriza enquanto “conhecedora do que faz”, “rígida por cobrar”. Juntando a essas características teremos: “exigente”, poderíamos dizer que a mesma é quase uma “terrorista” do ensino de matemática. Na fala da ex-aluna Pérpetua Costa,

Zilda de matemática era o terror da escola. Se você não tirasse um 10 com ela, você não prestava. Tinha que tirar 10. Um dia tirei acho que 4, Zilda me arrasou. Era uma professora boa, era muito exigente, foi uma boa professora Zilda. Ela tinha muito cuidado com a gente, queria que a gente estudasse, aprendesse mesmo, que soubesse matemática mesmo. Mas foi aquela professora que na época implantou o terror, essa professora Zilda de matemática, se você não passasse, tinha que estudar, tinha que fazer e acontecer, porque o aluno só prestava se ele tirasse nota 10. Eu me lembro muito era que eu não gostava dessa coisa de Equação, Álgebra. Era isso que dava muito, naquela época era 2ª série, chamava série, já entrava em álgebra. Na 1ª série, na época, era assim como se você tivesse fazendo uma revisão de todo curso primário, o primário que era da 1ª à 5ª série, então a 1ª série do ginásio era como se fosse um apanhado geral. (COSTA, 2012)

A representação da professora Zilda pela ex-aluna Edileuza Farias remete a imagem da “boa professora”, a “pró amiga”...

Matemática no curso ginásial... Da 1ª à 4ª série, que na época era chamada assim, foi Zilda. As aulas dela eram realmente boas, você tinha que prestar muita atenção, não podia conversar, ela era muito rígida, exigente em tudo. Mas eu acho que ele ensinava bem, a gente conseguia entender. Ela dava apontamento, explicava, passava dever pra casa, exercício na classe. Ela explicava, às vezes a gente entendia, às vezes não. E quando a gente não entendia, eu pelo menos, só conseguia ver se eu fazia alguma coisa fora da hora da aula, porque se eu não entendesse na aula e perguntasse eu não conseguia entender. Eu não sei o que era que travava, eu nem perguntava mais, eu já deixava pro final da aula. E às vezes, assim, no intervalo ou na saída, ela dava algumas dicas, aí a gente estudava e no outro dia trazia as dúvidas e ela tirava. Nisso ela era ótima, ela tirava as dúvidas mesmo. Todo mundo gostava da professora Zilda. Ela era considerada a pró amiga naquela época. Embora exigente, e assim, ela brincava muito, as pessoas às vezes se sentiam até ofendidas com as brincadeiras, mas era o jeito dela brincar. Quem entendia que era brincadeira levava numa boa. Tinha que fazer certinho, de acordo com o que era explicado. Tudo com cálculo, tudo organizado. Era assim, ela cobrava mesmo. Teve um lado bom nisso. Só que travava um pouco assim, os alunos mais tímidos tinham medo de perguntar, medo de dizer que não entendeu. (FARIAS, 2010)

As memórias acerca do professor Luiz, possibilitam vermos um outro modelo de professor, uma vez que este quando chega ao Ginásio Mairi, coincide com um período de licença da professora Zilda, a qual muda-se para outro município ficando quase 10 anos fora.

Nas memórias de Odília Ferreira

Luiz foi assim, aquele doce de professor. Que às vezes até extrapolava. Os alunos se achavam, [...]... Acho que tinha liberdade demais com ele. Por que ele era assim, ele dava o conteúdo mas ele não tinha aquela preocupação tanta de ficar assim vigiando, de ficar cobrando. Eu acho que ele achava que

cada um tinha que fazer a sua parte. [...]. Agora é assim, uma pessoa muito calma, muito tranquila, ele tinha aquela preocupação de explicar realmente. Quem queria estudar aproveitou muita coisa. [...]. (Ele)Tinha conhecimento do que estava fazendo. Pra mim, eu não tenho o que dizer. Ele foi meu professor até 8ª série. As aulas eram até assim divertidas, que ele pegava coisas da vida prática, exemplos práticos e colocava pra gente. Às vezes quando a gente estava com aquela dificuldade de entender o porquê disso, daquilo, ele usava muito assim praticidade da coisa para desenvolver as atividades. Conteúdos... Figuras geométricas, sempre falava também em raiz quadrada, estava sempre na vida da gente. [...] Eu me lembro de uma vez que eu dizia assim: “Óh professor eu não sei fazer conta de tarefa”. Ele explicava tão assim, uma facilidade tão tamanha, mas só que a gente não entendia, não sabia o que era tarefa. Mas ele explicava assim com a maior boa vontade, a gente ficava prestando atenção, depois eu não vou precisar disso. (FERREIRA, 2012).

Sendo representando como “um doce de professor”, “calmo”, “tranquilo”... Juntando a essas características teremos o “explicador” nas lembranças de Maria Célia Pachêco Rios.

Ele explicava muito, revisava muito, ouvia o “não sei, não entendi” de todo mundo, voltava, explicava. Explicava até muito mais do que devia. [...], chegava a hora da prova e ele tava no quadro explicando a prova ainda, só faltava botar a resposta final. Explicava a questão até o aluno pegar tudo aquilo, quem não entendia também é porque não queria mais nada, entender o que mais? Porque ele explicava tudo até chegar dizer assim, só faltava dizer assim “a resposta é essa, concluem”. Às vezes se aborrecia “não vou explicar mais!”, puxava a cadeira e cruzava os braços, “agora todo mundo se vira”, mas daqui à pouco amolecia e voltava a explicar o problema pra gente, detalhando, como ele explicava no quadro as aulas, ele ficava explicando a prova. (RIOS, 2010).

Integrando as características do professor Luiz, aparece o “facilitador”. Rita de Cássia M. Silva lembra que

o professor Luiz, eram assim, atividades individuais, dificilmente ele trabalhava em grupo, as aulas explicativas usava muito o quadro e não tinham questões, assim, tipo, desenvolver raciocínio lógico, praticamente não existia. Era cálculo mesmo, onde $2+2=4$, e você não precisava pensar muita coisa, você precisava saber a tabuada, saber quanto é “tanto mais tanto”, “tanto vezes tanto”, e chegava a uma definição. Ele também, assim, em uma das avaliações ele facilitava essa questão, às vezes a gente tinha dificuldade e ele escrevia no quadro toda a questão e faltava só o resultado final. (SILVA, 2010).

Muitas vezes, e talvez neste trabalho não seja diferente, a representação que construímos do outro vem carregada de emoções, boas em alguns momentos e ruins em outros. Assim, a imagem construída pelas ex-alunas está ligada a maneira como eram tratadas em sala, desde a relação estabelecida entre a figura do professor e do aluno, a relação com os conteúdos e disciplinas, a maneira como estes eram abordados em sala. Então, esses elementos são essenciais para analisarmos como essas ex-alunas construíram a imagem de cada de seus professores.

Abaixo, apresentamos os professores em estudo em quadro que trata das representações feitas pelos seus ex-alunos.

Quadro 1 – Representação dos professores pelas ex-alunas

	Professora Zilda	Professor Luiz
Representações	<ul style="list-style-type: none">• Conhecedora do que faz;• Rígida;• Exigente;• Terrorista;• Boa professora;• Pró amiga;• Brincalhona.	<ul style="list-style-type: none">• Um doce de professor;• Calmo;• Tranquilo;• Explicador;• Facilitador;• Bom professor;• Conhecedor do assunto.

Ao analisar o quadro acima poderíamos discutir a representatividade destes conceitos: o que eles significam? O que eles podem nos dizer? Entretanto, como se trata de memórias e esta é seletiva. Logo, temos representações que são altamente subjetivas e

Porém, existem outras partes das memórias das ex-alunas dizem muito sobre a prática pedagógica dos professores. Sendo a professora Zilda uma normalista, professora de formação, ser exigente, rígida quer dizer alguma coisa? Ela tem essas características por conta de sua formação ou de sua personalidade? Talvez as duas coisas, o certo é que: formada no final dos anos 1940 pela Escola Normal de Feira de Santana. Nos estudos de Souza (2001, p. 82), que trata da Escola Normal de Feira de Santana e do fazer-se normalista, encontramos que “[...] as normalistas e as(os) professorandas(os) eram submetidos a um rosário de regras, algumas codificadas, outras difusas, muitas vezes internalizadas, [...]”. Souza ainda traz um trecho de entrevista concedida por uma normalista, a senhora Nenê, que diz “[...] nós tínhamos duas coisas importantes: vontade de estudar, de aprender, apesar dos professores serem bem severos” (p. 82). Então, nesse contexto a professora Zilda foi formada, tornou-se professora. Talvez, as características atribuídas a ela esteja ligada a formação cultural que teve na escola normal.

A falta de professores habilitados para o ensino de Matemática e outras ciências, pelo interior da Bahia foi um dos principais fatores para que tivéssemos profissionais como médicos, advogados, engenheiros, juizes ministrando aulas nas escolas secundárias. Assim, como aconteceu com a professora Zilda, normalista que se tornou professora de matemática, o professor Luiz, engenheiro agrônomo, torna-se professor da mesma disciplina.

Do quadro acima, destacamos duas características para o professor Luiz: explicador e facilitador. Essas duas palavras apareceram com certa frequência e mostram o olhar que suas ex-alunas tem sobre ele. Porém, na prática cotidiana das salas de aulas do Ginásio Mairi, percebe-se que o professor Luiz costumava valorizar as relações pessoais, os conteúdos trabalhados estavam ligados a um caráter prático. Não havia, para ele, a cultura da reprovação, bastava que os alunos aprendessem os conteúdos entendessem o processo de resolução das questões. O fato de esclarecer dúvidas, ouvir as opiniões dos alunos e reexplicar, revisar continuamente o caracterizou enquanto um facilitador (no sentido etimológico da palavra) do processo de ensino.

A ex-aluna Rita de Cássia M. Silva traz em suas lembranças uma diferencial essencial entre os professores em estudo que, talvez, possibilite compreendermos qual o tipo de método era usado em sala de aula e qual a finalidade do estudo dos conteúdos.

[...] vim perceber a diferença, porque ela exigia o pensamento do aluno, [...] e até então ele não tinha sido cobrado, aí eu tive e foi um baque pra mim, perceber que matemática precisava pensar. Porque eu achava que era só "calculou ali, tanto vezes tanto, deu tanto" pronto, cheguei a um resultado. E ela começou a trabalhar com questões de raciocínio, aí eu vi o quanto matemática se complicava quando exigia o raciocínio. Tipo... por exemplo, regra de três... então, quando o professor Luis trabalhava, ele dava um exemplo, e tudo mais que ele pedia era em torno daquele exemplo, não tinha uma modificação. Já a professora Zilda, não. Ela dava diferentes exemplos onde era a regra de três, só que você tinha que pensar, por exemplo, às vezes ela dava a regra de três onde tinha um determinado número que era fracionário. Então, primeiro você tinha que calcular a fração pra chegar a um número inteiro e trabalhar. Então ele, já não agia dessa forma, então, os exemplos eram todos assim lineares, não tinha um multiplicidade, uma coisa que complicasse um pouco o problema. Então aí, eu senti muita dificuldade nessa hora, eu fui ver que matemática não era algo parado e sim algo que você precisava pensar muito pra desenvolver o raciocínio. (SILVA, 2010).

Portanto, o professor Luiz e a professora Zilda se constituem professores de matemática em suas práticas pedagógicas, trazendo consigo suas vivências, experiências, ideias que foram acumuladas e sedimentadas ao longo do tempo. Ser normalista e ser engenheiro possibilitaram tornar-se professor de matemática, entretanto as formas de ensinar e aprender dos profissionais em estudo foram caracterizadas de maneiras diferentes, permitindo assim que compreender que a concepção de matemática de ambos também eram diferentes.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

As representações são essenciais no processo de entendimento de determinadas práticas culturais e dentro do espaço escolar não poderia ser de maneira diferente. Assim, os professores Luiz Augusto – engenheiro – e a professora Zilda – normalista – desempenharam as suas funções como professores de matemática, ambos construíram seus métodos, suas técnicas e relações como os alunos. Portanto, no processo de caracterização/representação as ex-alunas mostram que Zilda possui um rigor, exigência e conhecimento que não, apenas, é peculiar, como também foram construídos em sua vivência na escola normal. Já Luiz, o conhecimento que tinha sobre matemática possibilitou que ele construísse seu método, sendo visto enquanto facilitador do processo de ensino. Portanto, os dois professores em estudos fazem-se professores de matemática a partir das vivências que foram sedimentadas, constituídas, produzidas pelo contexto escolar, social e cultural do período em estudo.

REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COSTA, Maria Perpétua Dórea da. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira.** Mairi, Ba: janeiro de 2012.

CUNHA, Elieuzza Oliveira. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira.** Mairi, Ba: janeiro de 2012.

FARIAS, Edileuza Oliveira. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira.** Mairi, Ba: outubro de 2010

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Trad. Bernardo Leitão, et all. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

OLIVEIRA, Luiz Augusto de. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira.** Mairi, Ba: junho de 2010.

RIOS, Maria Célia Pacheco. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira.** Mairi, Ba: junho de 2010.

SANTANA, Odília Ferreira de. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira.** Mairi, Ba: fevereiro de 2012

SILVA, Rita de Cássia Menezes. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira.** Mairi, Ba: junho de 2010.

SOUSA, Ione Celeste de. **Garotas tricolores, deusas fardadas:** as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945. São Paulo: EDUC, 2001.

VIÑAO FRAGO, A. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: ESCOLANO, A. e VIÑAO FRAGO, A. **Currículo, espaço e subjetividade:** a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.